
"Trabalha e Confia?": uma análise da representação das operárias capixabas no boletim Ferramenta¹²

Ana Carolina RONCHI³

Pedro Ernesto FAGUNDES⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

O presente trabalho é um recorte de uma tese que se encontra em desenvolvimento. Nele buscamos discutir sobre a participação das mulheres no mundo trabalhista capixaba. Tendo como objeto empírico o boletim Ferramenta problematizamos como essa mídia alternativa ligada à Igreja Católica de Vitória serviu de instrumento para representar as operárias da região metropolitana ao longo do ano de 1978.

PALAVRAS-CHAVE: ditadura militar; Igreja Católica; Espírito Santo; operárias; boletim Ferramenta

INTRODUÇÃO

Os anos de 1970 representariam para o Brasil a continuidade (e o endurecimento) do golpe militar, iniciado em 1964, e todas as consequências trazidas com o mesmo nos âmbitos sociais e políticos. No caso do Espírito Santo, acrescido a esse cenário estava ainda a transformação econômica que o estado viria a sofrer.

Até o início da segunda metade do século XX a economia capixaba se centrava na agroexportação da monocultura cafeeira. Em comparação aos estados vizinhos, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o estado ainda se apresentava como uma região subdesenvolvida. Sua população se encontrava fragmentada ao longo de todo território.

Ao dialogar sobre a temática Maria Beatriz Nader (2007, p. 2) reforça que ao longo do século XX houveram esforços governamentais para diversificar as fontes de renda no Espírito Santo. Entre eles pode-se citar, por exemplo, a doação de terrenos pelo Estado, o fornecimento de energia elétrica gratuita e a isenção de impostos. Mesmo com

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFES. Pesquisadora do Laboratório de Estudos em História do Tempo presente (UFES). Pesquisadora do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência (ES). E-mail: ronchianacarolina@gmail.com.

⁴ Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenador do Laboratório de Estudos em História do Tempo presente (UFES). E-mail: pefagundes@uol.com.br.

esses investimentos até o fim dos anos de 1960 o Espírito Santo ainda não havia presenciado um forte movimento de industrialização.

O cenário econômico capixaba só passaria a mudar após a implementação de uma política de erradicação dos cafezais, que passaram a ser considerados antieconômicos. Ao falar sobre essas ações Maria da Penha Siqueira reforça que, mesmo que tal política tenha causado elevado impacto na sociedade do Espírito Santo, na ocasião tal iniciativa era vista como necessária para promover o desenvolvimento do estado, assim como resolver a questão da desigualdade regional e gerar a interlocução entre a economia capixaba e a brasileira (SIQUEIRA, 2009, p. 4).

Sem mais focar em uma economia voltada aos cafezais, o estado passou a investir nos empreendimentos com caráter de exportação que eram ligados ao Porto de Vitória. Ocorreu também nesse período um investimento na infraestrutura urbana, tendo foco áreas como transporte, comunicação e abastecimento energético. Siqueira (2009, p. 7) vai pontuar, entretanto, que, uma das ações que mais traria consequências ao modelo econômico capixaba foram os chamados “Grandes Projetos Industriais”.

Instalados na Região Metropolitana da Grande Vitória, se tratavam de projetos industriais de grande porte que tinham como base a expansão do plantio de eucalipto e o tripé de segmentos mina, ferrovia e porto. Tais investimentos além de serem criados com a intenção de inserir o Espírito Santo no processo de modernização da economia nacional tiveram importante papel também no encerramento da hegemonia histórica cafeeira em terras capixabas (SIQUEIRA, 2009, p. 7).

Era de se esperar que mudanças tão bruscas na economia e, conseqüentemente na sociedade, trouxessem não somente picos de desenvolvimento, mas também o contraponto dessa aceleração econômica. Com a perda de postos de trabalho nas plantações de café, muitos trabalhadores se encontraram desempregados. Foi também nesse período que o estado presenciou migrações de forma mais acentuada: tanto da população do interior do estado, como a de trabalhadores vindos de outras localidades do Brasil em busca de oportunidades.

Sem conseguir absorver todo o êxodo rural, a região metropolitana do Espírito Santo passa então a conviver de forma mais intensa a partir dos anos de 1970 com as mazelas da industrialização. Nesse momento inicia-se a formação de bolsões de pobreza e de áreas vulneráveis. Localidades essas que, até os dias atuais carregam consigo conseqüências da falta de planejamento urbano de outrora.

É necessário fazer esse retorno histórico à realidade socioeconômica do Espírito Santo na década de 1970 para compreender a atuação política da Igreja Católica no período e, conseqüentemente, entender como nasce o boletim Ferramenta – informativo da Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória para o mundo operário – e como o mesmo representou as mulheres operárias.

AS CEBS: UMA NOVA FORMA DE ORGANIZAÇÃO DA IGREJA NO BRASIL

A Igreja Católica e o Estado brasileiro buscaram ao longo dos anos manter uma relação dialógica. Com a instauração do golpe militar, em 1964 e, principalmente com o endurecimento do mesmo, a partir de 1968, com o Ato Institucional nº 5, esse vínculo entre as duas instituições passou a vivenciar momentos mais intensos de crise.

Anos antes da ditadura militar, ainda na década de 1950, a Igreja já vinha passando por transformações. Uma dessas mudanças foi a própria criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, em 1952. Sendo uma das primeiras conferências episcopais do mundo, seu intuito era centralizar os poderes eclesiásticos em território brasileiro.

Para Paulo César Gomes foi também a partir da década de 1950 que começaram as aproximações entre a Igreja, os trabalhadores e os estudantes no país. É nesse período que ocorre o fortalecimento e expansão das pastorais sociais dentro da Igreja. Exemplo dessas são a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária Católica (JUC), da qual se originaria a Ação Popular (AP). Será a partir desses movimentos sociais que passa a emergir na Igreja um questionamento mais enfático a respeito do conservadorismo político e a preocupação com a justiça social (GOMES, 2014, p. 32).

Com a década de 1960 viriam eventos como o Concílio Vaticano II, em 1962, que aliados a movimentos como a Teologia da Libertação seriam fundamentais para fazer com que a Igreja passasse a se preocupar de forma mais ativa com as realidades dos países de terceiro mundo e buscar aliar o evangelho à luta pelos direitos humanos.

Nessa luta pela justiça social faz-se importante mencionar a existência das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBS. Para Márcio Alves é a partir da década de 1970 que esses núcleos organizacionais começam a se formar no interior da Igreja no Brasil. Com o tempo eles se transformam em uma força determinante do catolicismo no país, tanto do ponto de vista social como político. Para Alves as CEBS são “o que a Igreja já

criou de mais parecido com as estruturas celulares de base de um grande partido popular” (ALVES, 1979, p. 107).

A respeito da conceituação de CEB Frei Betto pontua que elas têm caráter religioso e pastoral e podem ser consideradas “pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos” (BETTO, 1979, p. 7). O autor esclarece ainda que, são comunidades, pois reúnem aqueles que têm a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram na mesma região. São eclesiais, porque congregam na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. E são de base, porque geram a união das classes populares (BETTO, 1979, p. 7).

Compreender as representações lançadas por Ferramenta então perpassa por visualizar as configurações das CEBs - já que as mesmas foram responsáveis por formar um lócus da militância contra o regime militar no Brasil. Sobre o assunto Frei Betto esclarece que a conjuntura nacional ajudou a reforçar as Comunidades Eclesiais de Base. Isso porque, ao censurar os canais de participação popular o regime fez com que a população encontrasse novas formas de organização. Para Betto, a Igreja representou esse refúgio, pois, ao contrário de outras instituições, ela escapava do direto controle do poder militar. Assim sendo, os militares não tinham como destituir padres e/ou bispos, muito menos nomear um general da reserva para presidir a CNBB, por exemplo. Para Frei Betto foi durante a ditadura militar que o povo passou a conhecer a Igreja não apenas pelo seu caráter de expressão de fé, mas como lugar de mobilização (BETTO, 1979, p. 8).

E foi graças a essa estrutura particular das CEBs que muitos movimentos sociais da época puderam emergir e/ou se fortalecer. Dentro das comunidades eram gestados os líderes do movimento operário no Espírito Santo. Eles se concentravam em pastorais como a Juventude Operária Católica (JOC), a Pastoral Operária (PO) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT).

É nesse cenário da Igreja no Espírito Santo que se forma o boletim Ferramenta. Tendo periodicidade mensal o informe foi lançado em 1977 e circulou até o início dos anos 2000. Organizado pela Pastoral Operária, Ferramenta abordava questões sociais da época e convocava à reflexão seus leitores.

Ao longo de suas edições o boletim buscou ter a linguagem mais próxima possível do trabalhador, pois era a ele a quem se destinava e também por ele era produzido. Nas suas pautas é possível encontrar temáticas que discorrem sobre a realidade dos operários no Espírito Santo. Das condições de trabalho insalubres à falta de moradia e transporte

muitas dessas temáticas não podiam encontrar espaço na mídia tradicional. Daí a importância de pensar em Ferramenta como uma mídia comunitária alternativa. Temática essa que será abordada no tópico a seguir.

REPRESENTAÇÕES E MÍDIA ALTERNATIVA

Como evidenciado nos tópicos anteriores, durante a década de 1970 o Espírito Santo viu de forma mais efetiva ocorrer seu processo de industrialização. Com a inserção de grandes indústrias na Região Metropolitana da Grande Vitória é que começa também nesse período de forma mais enfática as movimentações sindicais em território capixaba. Com a censura e repressão do Estado, movimentos e militantes (ligados ao não às Pastorais Sociais) encontraram dentro da Igreja Católica espaços de mobilização.

Dentro desse cenário, está o boletim Ferramenta. Criado como porta-voz da Pastoral Operária no Espírito Santo, ele passa a ser usado para expressar as mais diversas insatisfações da sociedade capixaba perante a ditadura militar e a vida dos trabalhadores. Em Ferramenta os operários e militantes criaram um espaço de crítica e denúncia social. Espaço este que, seja pela censura política e/ou escolha editorial, não era visto nos veículos de comunicação tradicionais do estado.

Ao nos voltarmos à análise de Ferramenta podemos refletir sobre as representações e as maneiras como os atores sociais constroem significados ao mundo que os cerca. Isso porque, como aponta Roger Chartier, as representações, embora aspirem a uma universalidade, sempre estarão carregadas de interesses específicos de um grupo (CHARTIER, 1990, p. 17).

Assim sendo, Chartier convida a olhar para a relação entre os discursos que são proferidos e as posições daqueles que os utilizam. Isso porque as representações estão sempre em um campo de competições, cujos desafios se desenham em termos de poder (CHARTIER, 1990, p. 19). Como afirma o autor se faz necessário pensar “as estruturas do mundo social não são um dado objetivo. Todas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constituem as suas figuras” (CHARTIER, 1990, p. 27).

As demarcações de Chartier são importantes para pensar Ferramenta como um objeto comunicacional inserido em um espaço-tempo circunscrito e que não pode ser historicamente desencarnado dessa realidade. Como uma comunicação comunitária

alternativa, Ferramenta nasce durante os anos de chumbo e vai se manter até o início dos anos 2000.

Roger Chartier (p. 177, 1991) enfatiza que para decifrar as sociedades se faz necessário penetrar nas relações e tensões existentes dentro delas. O autor entende que não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, que, por sua vez, podem ser contraditórias e expressar confrontos. É pelas representações que os atores sociais e os grupos dão sentido ao mundo.

Esse retorno sobre condições sociais de produção das representações se faz necessário para o próprio entendimento do boletim Ferramenta enquanto objeto comunicacional da Igreja Católica que circulou durante os anos de chumbo. Sendo portavoz do movimento operário interessa-nos compreender as leituras de sentido que surgem a partir do mesmo. Em um período em que os jornais tradicionais sofriam com a censura, Ferramenta se apresenta como uma mídia alternativa capaz de trazer à tona temáticas que se diferenciavam daquelas divulgadas por A Gazeta e A Tribuna (jornais tradicionais do Espírito Santo), por exemplo.

Ao longo dos 21 anos de regime militar as mídias alternativas desempenharam importante papel de denúncia e acesso à informação. Sobre essa temática Bernardo Kucinski (1991, p. 9) pontua que nos primeiros 15 anos da ditadura (entre 1964 e 1980) nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como característica em comum a oposição contra o golpe.

Enquanto muitos veículos da grande imprensa estiveram ao lado da implementação do golpe militar - ou não se posicionaram abertamente contrários (como são os casos dos veículos tradicionais capixabas) - a imprensa alternativa nasceu com o intuito de fazer o caminho inverso. Com a censura e a repressão em território brasileiro, a mídia alternativa foi o meio que jornalistas e/ou militantes encontraram para divulgar pontos de vista contrários ao Estado militar.

Sobre esse tipo de comunicação Cicilia Peruzzo pontua que ela destoa do jornalismo tradicional na “direção político-ideológica, na proposta editorial — tanto pelo enfoque dado aos conteúdos quanto pelos assuntos tratados e pela abordagem crítica —, nos modos de organização [...] e nas estratégias de produção/ação” (PERUZZO, 2009, p.132). A autora salienta que em contextos como o da ditadura militar, produzir boletins como Ferramenta significava grande risco de prisão e condenação política. E, que, por

isso, em muitos casos produziu-se comunicação alternativa de forma clandestina – como estratégia para fugir do controle estatal e da censura.

Com o aval de poder circular como “informativo da Arquidiocese de Vitória para o mundo operário”. E tendo, inclusive, padres produzindo o material durante sua vida útil, Ferramenta conseguiu se manter vivo por duas décadas, parando de circular nos anos de 1990. É possível que essa forte ligação com a Igreja seja o que o tenha mantido ativo por tantos anos.

Outra característica de mídias como Ferramenta é o caráter de contracomunicação. Peruzzo (2009, p.132) esclarece que essa é elaborada no âmbito dos movimentos populares. Sua função é exercitar a liberdade de expressão; servir de instrumento de conscientização; oferecer temáticas diferenciadas; ser instrumento de democratização da informação; para que no fim, com o acesso da população aos meios de comunicação haja a transformação social.

Nas experiências de caráter popular-comunitário, a finalidade, em última instância, é favorecer a autoemancipação humana e contribuir para a melhoria das condições de existência das populações empobrecidas, de modo a reduzir a pobreza, a discriminação, a violência etc., bem como avançar na equidade social e no respeito à diversidade cultural. Contudo, a comunicação não se presta a fazer mudanças sozinha. A visão de uso dos meios meramente para difundir conteúdos educativos está superada. Trata-se de sua inserção em processos de mobilização e de vínculo local ou identitário sintonizados a programas mais amplos de organização-ação, dos movimentos sociais populares. Estes privilegiam o atendimento às necessidades concretas de segmentos populacionais de acordo com cada realidade. (PERUZZO, 2009, p. 134-135)

Outro ponto válido a enfatizar sobre a comunicação comunitária, é relativo à sua linguagem. Produzido por e para trabalhadores, a ideia de Ferramenta era ser um canal de comunicação entre esse público. Com linguagem clara e simples e tendo um espaço limitado para divulgar as informações, o boletim optou também pela comunicação imagética, divulgando em suas edições charges e ilustrações. A seguir poderemos demonstrar parte da discussão traçada até o momento com a análise de algumas edições do boletim.

A REPRESENTAÇÃO DAS OPERÁRIAS CAPIXABAS EM 1978

Como discutido anteriormente, sendo uma mídia comunitária alternativa Ferramenta tinha a função de informar sobre acontecimentos do mundo operário, mas também de convocar os militantes da Igreja à reflexão sobre as diversas temáticas que os circundavam.

Um dos assuntos abordados por Ferramenta ao longo dos anos é sobre as mulheres no mercado de trabalho. Assim sendo, trazemos nesse artigo um recorte temporal entre os anos de 1977 e 1978 para discutir essa temática.

Ferramenta é lançado em dezembro de 1977. Do seu lançamento até fim do ano de 1978 são em cinco edições que temáticas sobre as mulheres aparecem. São elas os exemplares de nº 3, de abril de 1978:

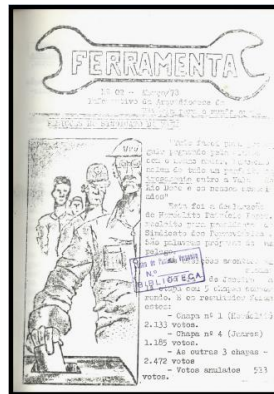


Figura 1: Edição nº3 de Ferramenta, abril de 1978

Edição nº 6, de julho de 1978:



Figura 2: Edição nº6 de Ferramenta, julho de 1978

Edição nº 8, de setembro de 1978:

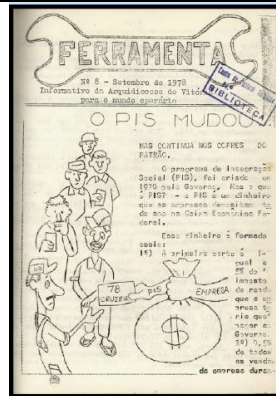


Figura 3: Edição nº8 de Ferramenta, setembro de 1978

Edição nº 9, de outubro de 1978:

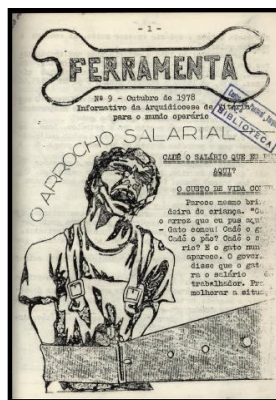


Figura 4: Edição nº9 de Ferramenta, outubro de 1978

Edição nº11, de dezembro de 1978:

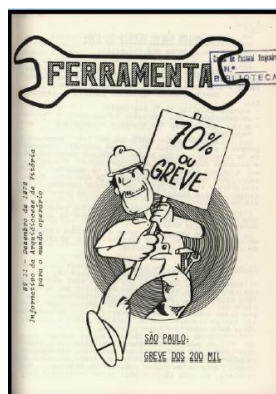


Figura 5: Edição nº11 de Ferramenta, dezembro de 1978

Na edição nº 3 a temática que abre o boletim é sobre “A luta da oposição sindical”. Na ocasião focaram em pontuar quais eram os principais programas das ações sindicais. Entre eles estavam “reivindicar melhores condições de trabalho para a mulher e o menor” (FERRAMENTA, p. 2, 1978).

Na sexta edição de Ferramenta, o boletim traz uma transcrição do *Jornal Movimento* sobre a participação de mulheres na greve da fábrica Brosol, em São Paulo. O boletim reforçava que esta havia sido a greve que mais chamou atenção naquele período, isso porque “a greve foi praticamente dirigida por mulheres”, que eram a maioria de trabalhadores da empresa (FERRAMENTA, p. 2, 1978).

No exemplar nº 8 as temáticas sobre as mulheres aparecem duas vezes. Uma quando o boletim descreve a situação das operárias na greve ocorrida em Itu, São Paulo. Outra quando inicia uma série denominada “História da classe operária”, que vai descrever como o movimento operário havia se iniciado e como caminhava no país naquele momento (FERRAMENTA, p. 2, 1978).

A edição de outubro de 1978 (nº 9) dá continuidade a série “História da classe operária”. E a de dezembro de 1978 (nº 11) destaca as condições de trabalho das operárias capixabas e as demissões em massa que aconteciam no período.

Ao refletir sobre as temáticas trazidas por Ferramenta convém trazer à discussão os textos de Pierre Bourdieu (1999) sobre a dominação masculina. Como entende o autor, esta se dá como uma forma de violência simbólica. Isso porque se instaura nos habitus masculinos e femininos, sendo produzida pelas estruturas de dominação e reproduzidas de forma inconsciente.

Ao propor uma noção de violência simbólica Bourdieu conchama a olhar para a própria naturalização criada pela história. Como se os fatos e as práticas sociais fossem entidades dadas naturalmente e não socialmente constituídas. Quando nos voltamos aos conteúdos publicados por Ferramenta podemos enxergar como certas práticas sociais que envolvem os gêneros são encaradas socialmente.

Embora Ferramenta tenha publicado seus conteúdos há mais de 40 anos, as temáticas discutidas naquele período ainda são vivenciadas em nossa sociedade. Em todas as edições que abordam a temática de mulheres ao longo de 1978 os textos convocam os trabalhadores a exigir que as mulheres tenham melhores condições de trabalho e um reajuste de salário.

Como aponta Bourdieu (p. 10, 1999) a tessitura social tende a delimitar as funções dos indivíduos de acordo com seus gêneros. Para o autor as próprias diferenças biológicas e anatômicas entre os sexos passam a ser vistas como uma justificativa natural para a divisão do trabalho. Às mulheres, historicamente, o cuidado com a casa e os afazeres doméstico, aos homens o trabalho externo. Em Ferramenta podemos visualizar que essa

realidade tende a se tornar menos dicotômica à medida em que as cidades passam a presenciar um processo de industrialização e também à medida em que fatores externos influenciam diretamente na dinâmica dos núcleos familiares. Exemplo disso aparece na edição de setembro de 1978. Na ocasião o boletim descreve que o pós-guerra e o alto custo de vida em metrópoles como São Paulo obrigou as mulheres a se lançarem no mercado de trabalho: “Como os salários eram muito baixos e o custo de vida muito alto, as mulheres e crianças também eram obrigadas a trabalhar” (FERRAMENTA, p. 6, 1978).

Embora as mulheres tenham passado a ocupar lugares que anteriormente eram destinados aos homens – como o trabalho fora de casa – isso não quer dizer que dentro das fábricas e indústrias elas seriam vistas como iguais aos operários do sexo masculino. Exemplifica esse ponto dois conteúdos divulgados em dezembro de 1978, na 11ª edição de Ferramenta. A primeira nota com o título “Fábrica de chocolates faz demissão em massa” dizia: “Uma média de 130 operários foram demitidos de uma só vez. Isso aconteceu no dia 20 de outubro, na Fábrica de Chocolates Vitória S/A. Do total de dispensados 119 são mulheres” (FERRAMENTA, p. 6, 1978).

A segunda nota denuncia: “A fábrica COBRAICE sempre despede as gestantes quando elas não mais dão conta do trabalho. Além disso mantém mais de 40 mulheres no serviço noturno - de 6 horas da noite até 6 da manhã” (FERRAMENTA, p. 6, 1978).

Visualizar a forma como as mulheres eram inseridas no mercado de trabalho naquele momento é fundamental para compreender nossa própria sociedade e que tipos de relações continuam a serem mantidas desde aqueles tempos. Assim como reforça Bourdieu (p. 50, 1999), as pesquisas precisam se esforçar não para descrever as transformações das condições das mulheres do decorrer do tempo. É necessário que elas busquem traçar o sistema de agentes e instituições que operam para manutenção dessas práticas sociais que a todo o custo tentam se mostrar como naturais à sociedade. É preciso buscar um trabalho de des-historicização.

Como mídia alternativa produzida no âmbito da pastoral social da Igreja, Ferramenta foi um importante agente de reflexão social. Ao trazer à tona temáticas como o acesso e a manutenção das mulheres no ambiente de trabalho ele contribuiu para que os movimentos sociais exercessem seu caráter crítico e buscassem reivindicar as desigualdades que insistiam em permanecer entre os gêneros no mundo operário. Como

ferramenta comunicacional o boletim cumpriu a função social de denunciar injustiças e criticar o *status quo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas décadas de regime militar no Brasil representaram um retrocesso nos direitos políticos, de liberdade e de expressão. Com a censura e a repressão que afetava os jornais, muitos movimentos sociais encontraram nas mídias alternativas uma forma de se expressar e reivindicar seus interesses.

Ferramenta é uma das inúmeras mídias alternativas que nasceu durante o regime militar no Brasil. Ligado à Pastoral Operária da Arquidiocese de Vitória e tendo agentes do clero em sua produção pode sobreviver mais do que outras mídias do mesmo período. Pensado no seio das Comunidades Eclesiais de Base e das pastorais católicas, Ferramenta une o evangelho à crítica das injustiças sociais. Graças ao boletim o movimento operário pode discutir temáticas como greves, precarização do trabalho e as más condições de vida nas periferias do Espírito Santo.

Ferramenta representa a militância que surgiu dentro da Igreja Católica nos anos de chumbo. À medida em que o Estado endurecia suas repressões a Igreja se tornava porta-voz das denúncias contra o governo no Brasil e no mundo.

Enquanto a Igreja é historicamente uma força conservadora, em Ferramenta as operárias encontraram espaço de luta e reivindicação. Nas CEBs o movimento operário, sindical, de mulheres, entre outros, encontraram refúgio para manter acesa a luta contra a ditadura, a favor da redemocratização e por melhores condições de vida e trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Márcio Moreira. **A Igreja e a política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011.

GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira (1971-1980):** a visão da espionagem. Rio de Janeiro: Record, 2014.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Editora Página Aberta, 1991 Ltda.

NADER, Maria Beatriz. Industrialização, aumento populacional e a diversificação do mercado de trabalho: Vitória em dados. 1970-2000. **Revista História Hoje.** Revista eletrônica de História, v. 4, n. 12, 2007.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia,** São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. A questão regional e a dinâmica econômica do Espírito Santo–1950/1990. **Revista de História e Estudos Culturais,** Uberlândia, v. 6, 2009.